

Representações Sociais do Envelhecimento ao longo do Ciclo da Vida

Social Representations of Aging Throughout the Life Cycle

Representaciones Sociales del Envejecimiento a lo Largo del Ciclo de Vida

Caroline Schardosim da Rosa(1); Amanda Castro(2); Gabriela Pereira Vidal(3)

1 Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Criciúma, SC, Brasil.

E-mail: carolschardosim23@hotmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3589-6479>

2 Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Criciúma, SC, Brasil.

E-mail: amandacastrops@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8666-4494>

3 Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), SC, Brasil.

E-mail: gabrielavidaal@gmail.com | ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4382-0845>

Revista de Psicologia da IMED, Passo Fundo, vol. 14, n. 2, p. 18-36, julho-dezembro, 2022 - ISSN 2175-5027

[Submetido: 18 ago. 2021; Revisão1: 6 jul. 2022 Revisão2: 22 dez. 2022; Aceito: 12 mar. 2023;

Publicado: 21 jun. 2023]

DOI: <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2022.v14i2.4591>

Como citar este artigo / To cite this article: [clique aqui!/click here!](#)

Resumo

Este estudo teve como objetivo analisar as representações sociais do envelhecimento ao longo do ciclo de vida, com base nas crenças sobre o que é envelhecer e na imagem da velhice. A pesquisa contou com a participação de quatro crianças, quatro adolescentes, quatro adultos e quatro idosos. Para alcançar os resultados foram apresentadas histórias para que, através da técnica de substituição, fossem trabalhadas as crenças sobre o que é envelhecer. Foi solicitado aos participantes que fizessem um desenho para caracterizar a imagem da velhice para cada um deles. Com a análise dos dados coletados foi possível identificar aspectos em comum em todas as faixas etárias, tendo ênfase no olhar negativo sobre o processo de envelhecimento, a velhice e o “ser velho”. A partir dos resultados foi possível identificar que a representação social de envelhecimento interfere diretamente na aceitação deste processo e no respeito a pessoa idosa enquanto cidadã. Sugere-se o desenvolvimento de políticas que incentivem o convívio intergeracional e a inclusão do idoso nos meios sociais para que assim possam também ter seus direitos preservados.

Palavras-chave: envelhecimento; psicologia social; idosos.

Abstract

This study aimed to analyse the social representations of aging throughout the life cycle, based on beliefs about aging and the image of old age. The research was attended by four children, four adolescents, four adults and four elderly. In order to achieve the results, stories were presented so that, through the substitution technique, the beliefs about what aging is worked on. The participants were then asked to draw a Picture to characterize the image of old age for each of them. With the analysis of the collected data, it was possible to identify common aspects in all age groups, emphasizing the negative look on the aging process, on old age and “being old”. From the results it was possible to identify that the social representation of aging directly interferes with the acceptance of this process and respect for the elderly as a citizen. It is suggested the development of policies that encourage intergenerational living and the inclusion of the elderly in social environments so that they can also have their rights preserved.

Keywords: aging; social psychology; seniors.

Resumen

Este estudio tuvo como objetivo analizar las representaciones sociales del envejecimiento a lo largo del ciclo de vida, basado en las creencias sobre el envejecimiento y la imagen de la vejez. A la investigación asistieron cuatro niños, cuatro adolescentes, cuatro adultos y cuatro ancianos. Con el fin de lograr los resultados, se presentaron historias para que, a través de la técnica de sustitución, se crearan creencias sobre en qué se trabaja el envejecimiento. Luego se pidió a los participantes que hicieran un dibujo para caracterizar la imagen de la vejez de cada uno de ellos. Con el análisis de los datos recopilados, fue posible identificar aspectos comunes en todos los grupos de edad, haciendo hincapié en la mirada negativa sobre el proceso de envejecimiento, la vejez y “ser viejo”. A partir de los resultados, fue posible identificar que la representación social del envejecimiento interfiere directamente con la aceptación de este proceso y el respeto a los ancianos como ciudadanos. Se sugiere el desarrollo de políticas que fomenten la vida intergeneracional y la inclusión de las personas mayores en entornos sociales para que también puedan preservar sus derechos.

Palabras clave: envejecimiento; psicología social; ancianos.

Introdução

O envelhecimento populacional é uma realidade no mundo, aumentando cada dia mais o número de pessoas idosas. A preocupação com esse grupo também é destaque nas pesquisas, como destacado na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua de 2021 (IBGE, 2022) a parcela de pessoas residentes no Brasil com 60 anos ou mais de idade em 2021 era de 14,7%, frente à estimativa de 11,3% em 2012. Diante dessa transformação, faz-se necessário pensar acerca da representação social de envelhecimento, refletindo sobre os estereótipos, as crenças e a imagem que as pessoas têm sobre o que é ser velho.

A Teoria das Representações Sociais, desenvolvida por Serge Moscovici em 1961, tem como intuito ampliar e diferenciar o olhar sobre o indivíduo e sociedade, tornando-o assim confiável para a compreensão dos fenômenos sociais. As representações sociais podem ser formadas por saberes populares que se transformam em representação e conforme os indivíduos se desenvolvem, eles se apropriam dessas representações como se fossem parte de si mesmos, como se determinados assuntos os representassem (Santos & Dias, 2015).

Moscovici explica isso através da interação de dois mecanismos internos que trabalham juntos e têm natureza psicológica e social, a ancoragem e a objetivação. A ancoragem consiste na classificação, dar nome e categorizar algo, tornando-o comum ao sujeito e mantendo as ideias para o mundo interno ao transformar o não familiar em algo familiar. A objetivação, por sua vez, é o processo de objetivar a ancoragem, é a externalização do conhecimento, ela materializa a ideia e direciona para o mundo externo. Esses dois processos geram a representação social (Santos & Dias, 2015).

Envelhecer é um processo natural, gradativo e contínuo do desenvolvimento humano, iniciado no nascimento e estendido à todas as fases da vida. No decorrer dos anos, é comum que a pessoa vá percebendo em seu corpo sinais de que a velhice está chegando, o que pode ser encarado de forma bastante negativa, dependendo da representação social do que é ser velho para cada pessoa (Pereira, 2015).

Nos meios de comunicação em massa o idoso é retratado ora como decadente, inativo e dependente, ora vigoroso, dinâmico e independente (Batista, Teixeira, Junior & Dantas, 2021). Aos olhos da sociedade, de modo geral, o novo é sempre muito valorizado e associado à agilidade e beleza, o que pode influenciar à não aceitação do envelhecimento e ao sentimento de desajustamento da pessoa ao perceber os primeiros sinais da velhice (Pereira, 2015).

Miguel (2014), ao descrever os mitos acerca da imagem da velhice e do envelhecimento, destaca as duas representações sociais comuns sobre o envelhecimento: uma delas, sob uma ótica positiva, onde o que é enfatizado é a experiência já adquirida nessa fase da vida, a sabedoria e a maturidade; e outra sob

uma ótica negativa e pessimista que foca na doença como algo que resume a velhice, além da tristeza e da solidão.

Existem muitos mitos e tabus no meio social que relacionam a velhice como um período de declínio e perdas. Porém, velhice não é sinônimo de incapacidade, já que o contexto familiar e a rede de apoio do idoso podem influenciar diretamente em tais questões e no grau de dependência ou cuidado que são direcionados a este (Araújo, Castro & Santos, 2018).

Discutir acerca das representações sociais de envelhecimento ao longo do ciclo de vida é fundamental, considerando a transição demográfica que estamos vivendo e que tende a se transformar cada vez mais, sendo possível por um maior número de anos o convívio intergeracional. “Torna-se então essencial perceber o que são as representações sociais uma vez que estas determinam a forma de agir” (Pereira, 2015, p. 26). Diante disso, esta pesquisa teve como proposta analisar as representações sociais de envelhecimento para crianças, adolescentes, adultos e idosos, identificando as crenças sobre o que é envelhecer e caracterizando a imagem da velhice.

Método

Delineamento

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, descritiva e exploratória. A pesquisa qualitativa trabalha com os mais diversos significados, motivos, valores, crenças e afins, o que “corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (Minayo, 2001, p. 22). A pesquisa descritiva tem como objetivo descrever as características de determinado grupo ou situação e pode ter como foco o estabelecimento de relações entre variáveis e a pesquisa exploratória propõe ao pesquisador uma maior familiaridade com o problema (Gil, 2002).

Participantes

Os participantes foram selecionados por ciclo de vida para que houvesse uma visão ampliada e que considerasse o processo de desenvolvimento como algo que pode alterar a representação social de envelhecimento. O critério para seleção dos participantes foi acessibilidade, a partir da metodologia bola de neve em que o primeiro foi da rede de contatos da pesquisadora e os posteriores indicados a partir dessa rede de contatos, caracterizada como uma amostra não probabilística e intencional. A amostragem bola de neve utiliza cadeias de referência e não determina a probabilidade de seleção dos participantes, mas a vantagem dessa metodologia é que permite que

o pesquisador estude grupos difíceis de serem acessados (Vinuto, 2014). O total de participantes foi de 16 pessoas, sendo quatro pessoas de cada ciclo de vida, e dessas duas do sexo masculino e duas do sexo feminino.

Para identificar a crença dos participantes sobre o que é envelhecer foi utilizada a técnica de substituição com inquérito posterior. Essa técnica é muito utilizada quando o intuito é identificar pontos importantes da zona muda da representação. É muito eficaz quando as pesquisas têm como objetivo identificar representações que não são expressas pelo sujeito em situações normais por meio de métodos clássicos de coleta de dados, por acharem que determinadas representações podem entrar em conflito com valores morais ou normas de algum grupo (Menin, 2006).

Em relação aos critérios de inclusão foram definidos pensando no objetivo da pesquisa. Assim, as crianças deveriam ter entre 7 e 8 anos, ter o consentimento dos pais para participação na pesquisa, ter convívio com avós, visitando ao menos 1 vez por mês. Os adolescentes deveriam ter entre 12 e 15 anos, ter o consentimento dos pais para participação na pesquisa, ter convívio com avós, visitando ao menos 1 vez por mês. Os adultos deveriam ter entre 30 e 40 anos, aceitar participar da pesquisa e ter convivido com pessoas idosas durante a sua vida. Os idosos deveriam ter entre 60 e 80 anos, aceitar participar da pesquisa e não apresentar comprometimento cognitivo que os impeça de compreender a proposta da pesquisa.

Instrumentos

Com base nisso, foi criada pelas pesquisadoras uma história que foi aplicada com adolescentes, adultos e idosos. Essa mesma história foi simplificada para atingir o público infantil.

História – adolescentes, adultos e idosos: Pedro (12 anos) estava na sala de sua casa brincando com sua irmã Julia (8 anos), quando seus pais, Miguel (40 anos) e Fernanda (38 anos), chegam no local conversando sobre sinais do envelhecimento. Miguel diz que está precisando pintar os cabelos pois já está aparecendo os fios brancos novamente e Fernanda diz que está incomodada com suas rugas e com a sua boca que está afinando, sinaliza que já agendou um horário com a esteticista para resolver esses problemas. Enquanto os dois conversam, Ana (40 anos), irmã de Fernanda, chega e é questionada pela irmã que diz “E você Ana, não pensa em fazer um botox ou de repente fazer uso de colágeno? Tenho vários cremes para te indicar se quiseres”. Ana ressalta que não tem interesse, pois acha que as suas rugas fazem parte da sua trajetória de vida. A conversa finaliza quando Pedro entra na conversa dizendo “Tia, eu não quero mais crescer”. Quando questionado sobre o porquê, ele responde “Porque quando a gente cresce, fica velho, e quando fica velho, fica feio”.

História – crianças: Lia (8 anos) estava brincando na sala da casa de sua tia Ana (25 anos), quando seus pais, Miguel (40 anos) e Fernanda (38 anos), chegam

de viagem e comentam com Ana que nessa viagem perceberam que estão ficando velhos. Miguel diz que notou os seus fios de cabelo branco e que precisa pintar logo, já Fernanda diz que se sente muito cansada e que percebeu durante a viagem que não tem mais disposição como antes, ela estava passeando nos lugares e só pensava em ir logo embora. Os três conversam mais um pouco sobre isso e jantam em seguida. Após o jantar se despedem de Ana para irem embora, Lia então diz “Mãe e pai, quero ficar aqui na tia Ana mais um dia porque ela sempre brinca de correr comigo e vocês estão sempre cansados”.

O inquérito posterior a história englobou os seguintes itens: O que você acha que é envelhecimento para os personagens da história? Para você, o que é envelhecimento? Por que você acha que o corpo envelhece? Como que a pessoa envelhece? Você está envelhecendo? Se sim, como você percebe que está envelhecendo? Você lembra da primeira vez que notou que estava envelhecendo? O que você acha da atitude dos personagens da história? O que você faria se estivesse no lugar desses personagens?

Para caracterizar a imagem que crianças, adolescentes, adultos e idosos fazem da velhice foi pedido para que fizessem um desenho representando o que é a velhice, para captar o campo da representação social. Em seguida, para auxiliar na compreensão do significado que o desenho tem para o participante, foi feito o inquérito posterior ao desenho.

Foi solicitado que os participantes caracterizassem o desenho descrevendo os objetos, fenômenos ou pessoas desenhadas. Em seguida foi questionado o motivo pelo qual esses objetos o fizeram lembrar do envelhecimento.

Procedimentos éticos

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa, aprovada pelo parecer nº 2.970.336, CAAE: 00865718.0.0000.0119. Foi informado aos participantes sobre a participação facultativa e possibilidade de desistência a qualquer momento da pesquisa, sem implicação de ônus ou bônus. Todos que concordaram em participar assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), com a explicação dos objetivos e outros aspectos da pesquisa. Caso as entrevistas suscitasse reações emocionais, os participantes seriam acolhidos e encaminhados para o serviço psicológico gratuito da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

Análise dos dados

Para os desenhos, foi utilizada a análise de conteúdo de Bardin (2011), organizada em três fases: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Para os inquéritos, foi feita a classificação hierárquica descendente, com auxílio do software IRAMUTEQ. A Classificação Hierárquica

Descendente possibilita classificar as palavras com significados parecidos no corpo do texto e requer retenção mínima de 75% do material original para ser considerada uma análise fidedigna dos dados (Camargo, 2020).

Resultados

A pesquisa contou com um total de 16 participantes, sendo eles 4 crianças, 4 adolescentes, 4 adultos e 4 idosos. Em cada um desses grupos, duas pessoas eram do sexo feminino e duas do sexo masculino. A Tabela 1 ilustra as características principais dos participantes da pesquisa:

Tabela 1.
Participantes da pesquisa

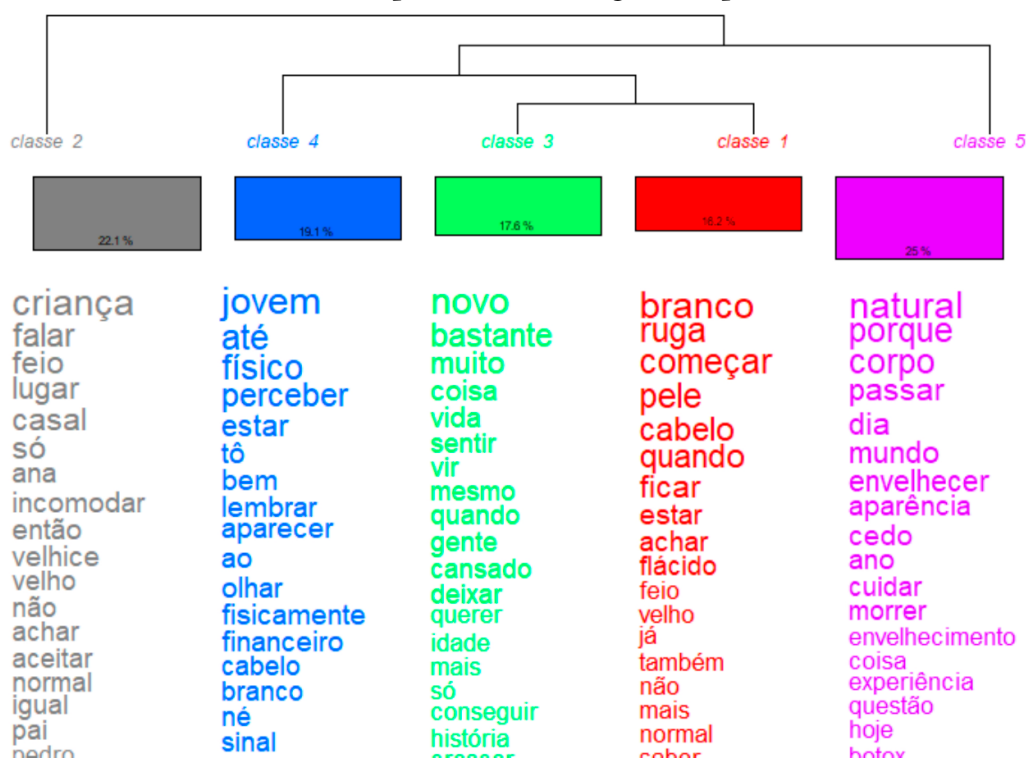
Participante	Sexo	Idade	Religião	Renda	Escolaridade
Criança 1	Masculino	8 anos	Evangélico	2 a 3 sm	Cursando Ens. fundamental
Criança 2	Masculino	8 anos	Evangélico	2 a 3 sm	Cursando Ens. fundamental
Criança 3	Feminino	7 anos	Católica	4 a 5 sm	Cursando Ens. Fundamental
Criança 4	Feminino	8 anos	Católica	4 a 5 sm	Cursando Ens. Fundamental
Adolescente 1	Masculino	14 anos	Católico	4 a 5 sm	Cursando Ens. Fundamental
Adolescente 2	Masculino	15 anos	Católico	4 a 5 sm	Cursando Ens. Fundamental
Adolescente 3	Feminino	13 anos	Espírita	4 a 5 sm	Cursando Ens. Fundamental
Adolescente 4	Feminino	14 anos	Católica	2 a 3 sm	Cursando Ens. Fundamental
Adulta 1	Feminino	33 anos	Espírita	3 a 4 sm	Cursando Ens. Superior
Adulta 2	Feminino	39 anos	Católica	2 a 3 sm	Ens. Superior Completo
Adulto 3	Masculino	33 anos	Católico	3 a 4 sm	Ens. Técnico completo
Adulto 4	Masculino	39 anos	Católico	2 a 3 sm	Ens. Superior Incompleto
Idosa 1	Feminino	62 anos	Católica	2 a 3 sm	Não escolarizada
Idosa 2	Feminino	66 anos	Católica	2 a 3 sm	Ens. Fundamental incompleto
Idoso 3	Masculino	61 anos	Católico	1 a 2 sm	Ens. Fundamental incompleto
Idoso 4	Masculino	69 anos	Católico	2 a 3 sm	Ens. Técnico Completo

Os resultados a seguir referem-se às crenças sobre o que é envelhecer. O programa IRAMUTEQ reconheceu a separação do *corpus* em 89 segmentos de texto. A classificação hierárquica reteve 68 seguimentos (76,40%), que apresentavam frequência ≥ 3.68 e $\chi^2 = 3,84$, a frequência foi calculada com base nas palavras que mais se repetiram nas classes e o χ^2 refere-se ao poder de associação que a palavra tem naquela classe.

O *corpus* foi dividido em 5 classes e, primeiramente, o programa dividiu de um lado as classes 5 da classe 1, 3, 4 e 2. Em um segundo momento, as classes 1 e 3 foram divididas da classe 4. Em um terceiro momento, a classe 1 e 3 foram divididas entre si. Em um quarto momento, a classe 2 se separou da classe 5. A separação das classes ocorre de acordo com o vocabulário semântico semelhante. Conforme a Figura 1.

Figura 1.

Classes e elementos representacionais gerados pelo IrAmUteQ.



A classe 5 denominada “envelhecer é natural” apresenta 25% dos segmentos de texto e traz a ideia do envelhecimento e da modificação da aparência como algo natural, essa classe é representada principalmente por adultos, adolescentes e idosos. A velhice surge caracterizada pelo corpo “velho”, nesse contexto as pessoas trazem que é possível cuidar do corpo, mas não deixar de envelhecer. Dois participantes idosos trazem a ideia de que só não envelhece quem “morre cedo”, representado na fala: “*Hoje eu penso diferente, velho também é bonito, o envelhecimento é normal, o tempo passa, todo mundo envelhece, se não envelhece é porque morre cedo*” (Idosa 2).

A classe 1, denominada “marcas no corpo” apresenta 16,18% dos segmentos de textos e é representada principalmente por crianças e adolescentes que trazem a

ideia de que as modificações corporais advindas do envelhecimento, como algo que caracteriza: rugas, cabelo branco, pele flácida. Nesse contexto a velhice surge associada ao “ficar feio”. A fala a seguir exemplifica o exposto:

Pra eles é quando o cabelo fica branco e as pessoas ficam cansadas, eu acho que é quando as pessoas começam a ficar mais cansadas, ficam mais assim feias eu acho, com rugas, que são aqueles risquinhos na pele, com o cabelo bem branquinho, acho que é isso (Criança 4).

A classe 3, denominada “minha experiência de envelhecimento” representada por adultos e idosos traz 17,65% dos segmentos de texto, nessa classe eles descrevem as limitações que surgem com o envelhecimento associados ao desgaste físico e mental. Entretanto, por outro lado, surge o discurso do envelhecimento como conquista da sabedoria. *“Meus cabelos caíram bastante, mas eu tenho muita sabedoria, sei muita coisa sobre a vida, sou muito mais tolerante do que eu era quando era mais novo” (Idoso 4).*

A classe 4, denominada “autopercepção do envelhecimento” traz 19,12% dos segmentos do texto, sendo representado prioritariamente por idosos e adultos, essa classe traz textos que enfatizam o momento em que eles se percebem envelhecendo, através do cabelo branco, desgaste físico, da perda da paciência, as condições financeiras surgiriam como forma de melhorar o estilo de vida e trazer saúde no envelhecimento. *“Sim, olha aqui tô cheio de rugas, minha pele tá toda manchada, meu cabelo tá branco, já tô usando bengala, não lembro, não sei responder, ia aceitar a velhice né, não tem outro jeito” (Idoso 3).*

A classe 2 com 22,06% dos segmentos de texto representada por crianças, adolescentes, adultos e idosos e denominada “a velhice no olhar das crianças” trazem a ideia de que em geral as crianças percebem o “ser velho” como “ficar feio”, tanto adultos quanto idosos disseram ter a mesma percepção na infância, nesse contexto eles trazem que a percepção da criança é mediada pela influência do adulto. As crianças dessa classe não fazem menção a feiura e trazem a experiência do envelhecimento dos avós.

A criança só seguiu o exemplo, viu que o pai e a mãe não querem envelhecer e ele já não quer nem crescer para não envelhecer e ficar feio igual os pais tão falando que tão, eu no lugar do casal aceitaria a velhice (Idosa 1).

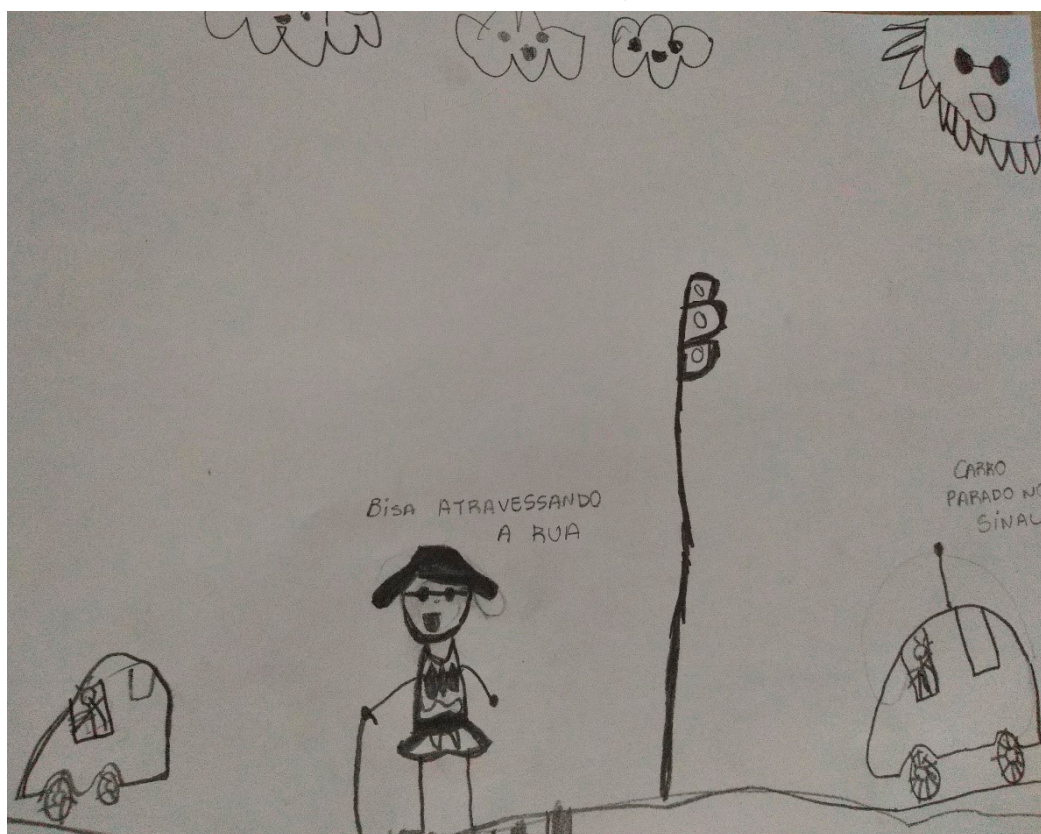
As descrições dos desenhos dos participantes podem ser observadas na tabela 2.

Tabela 2.*Descrição dos desenhos produzidos pelos participantes da pesquisa*

Criança	Adolescente	Adulto	Idoso
(8 anos, menino) Avó, segurando bengala	(14 anos, menino) Jarro de café, avô que faz café de madrugada, com touca e pijama.	(33, homem) Hospital, limitações.	(61, homem) Bengala, dificuldade para andar, remédio e doenças.
(8 anos, menino) Não quis desenhar	(15 anos, menino) Perda de cabelo, rugas, cabelo branco, “chatice”.	(39, homem) Bengala, necessidade de auxílio.	(69, homem) Árvore nova com flores e árvore machucada (seca) do outro lado.
(7 anos, menina) Avó, zangada, com chapéu, óculos.	(13 anos, menina) Bengala, dificuldade de andar e problemas de coluna	(33, mulher) Filhas casadas, netos e relacionamento conjugal, amor.	(66, mulher) Autorretrato, rugas, mão na cintura.
(7 anos, menina) Bisa, com chapéu, óculos, bengala, atravessando a rua	(14 anos, menina) Duas pessoas abraçadas, um idoso e um jovem. O idoso com chapéu	(39, mulher) Coração chorando, solidão, cruz, saúde debilitada.	(62, mulher) Óculos, bengala, necessidade de auxílio.

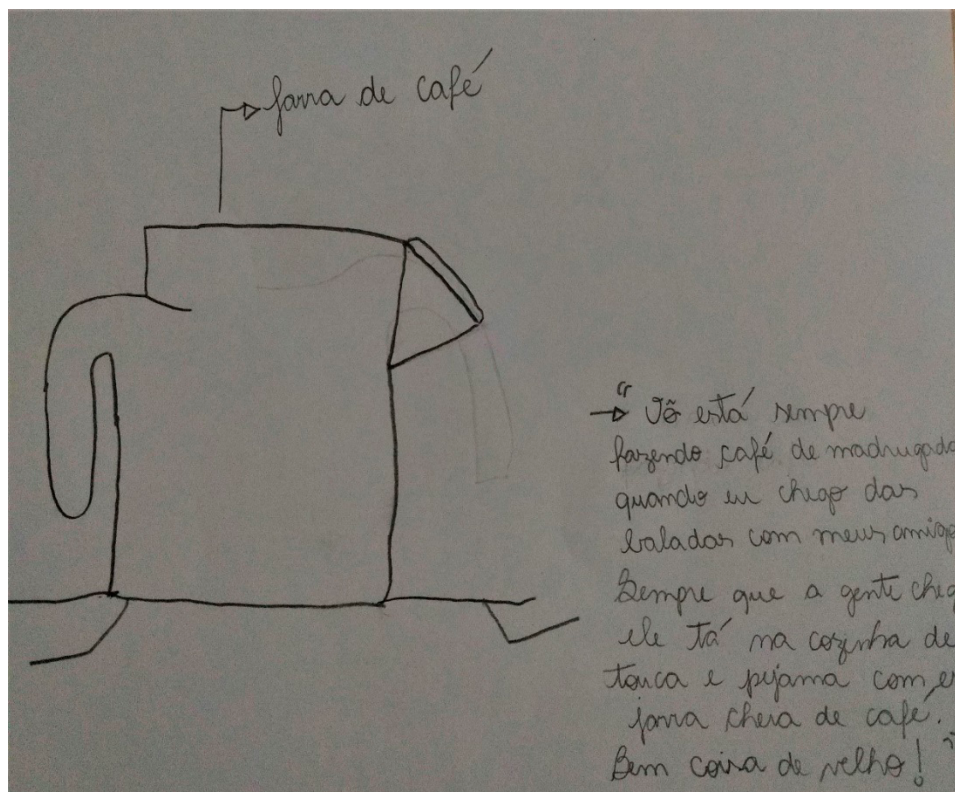
A criança 1 desenhou a sua avó segurando bengala, a criança 2 não quis desenhar, a criança 3 desenhou a sua bisavó atravessando a rua com chapéu e óculos, a criança 4 desenhou sua avó zangada com chapéu e óculos. A criança 3 descreve seu desenho: “a bisa atravessando a rua e o carro parado no sinal”.

Figura 2.
Desenho da criança 3



O adolescente 1 não quis desenhar, somente escreveu que ao falar da velhice ele pensa na imagem de alguém perdendo o cabelo, com rugas, cabelo branco e também associa a velhice à “chatice”, o adolescente 2 desenhou um jarro de café associando ao avô que costuma fazer café de madrugada vestindo touca e pijama, a adolescente 3 desenhou uma bengala associando a velhice à dificuldade para andar e aos problemas de coluna, a adolescente 4 desenhou duas pessoas abraçadas, segundo ela, é um jovem e um idoso, sendo que o idoso é quem estava com chapéu. Dois dos adolescentes destacaram o convívio intergeracional, de um lado associado à troca afetiva e de outro à preocupação do idoso com o bem-estar do jovem. A ideia da preocupação excessiva do idoso como jovem foi destacado por um adolescente como algo desnecessário. Aqui mais uma vez surge a imagem do chapéu.

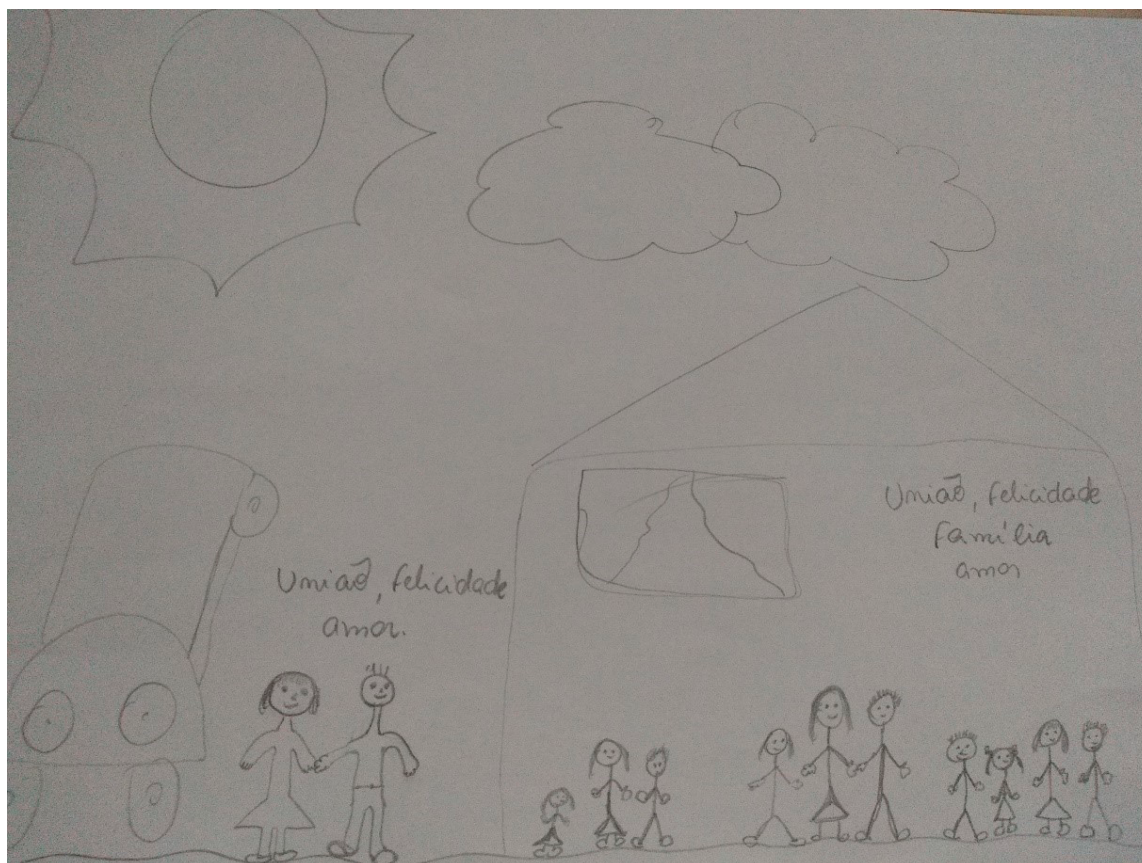
Figura 3.
Desenho da adolescente 2



O adolescente 2 descreve seu desenho: “o vô está sempre fazendo café de madrugada quando eu chego das baladas com meus amigos, sempre que a gente chega ele tá na cozinha de touca e pijama com essa jarra cheia de café, bem coisa de velho”. Outros dois adolescentes trouxeram apenas aspectos negativos na imagem da velhice, associando à ideia de limitação: bengala, perda de cabelo, rugas, cabelo branco, dificuldade de andar e problemas na coluna. Aqui há apenas à ideia de perdas, mas não de ganhos, durante o envelhecimento.

A adulta 1 desenhou ela e seu esposo e as famílias de suas filhas no futuro, a adulta 2 desenhou um coração chorando e uma cruz, justificando que associa a solidão e a saúde debilitada, o adulto 3 desenhou um hospital, o adulto 4 desenhou uma bengala. Sobre os adultos, 3 deles trouxeram imagens associadas à debilitação, limitações e dependência, com agravos de saúde e vivência de solidão. Apenas uma adulta trouxe a ideia de se ver no futuro como idosa, com destaque para um futuro em que viverá junto à família.

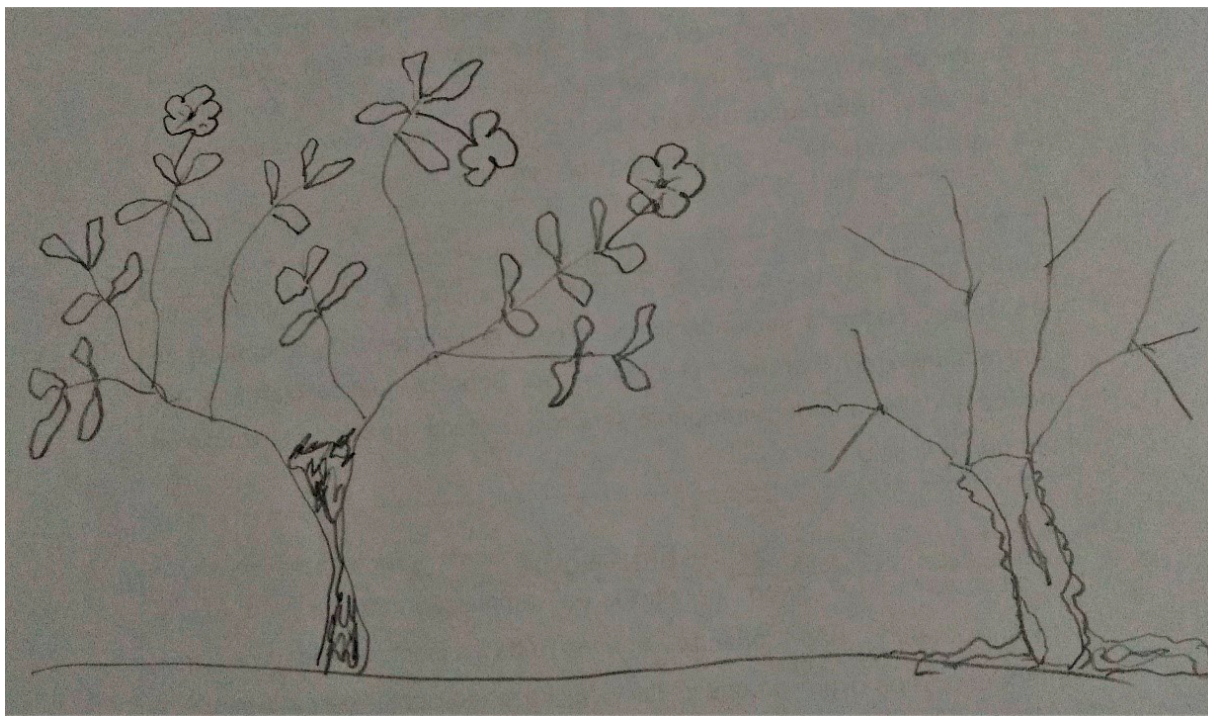
Figura 4.
Desenho da adulta 1



A participante descreve: “família reunida, minha velhice, eu e meu esposo e minhas três filhas com suas famílias já formadas” (Adulta 1).

Quanto aos idosos, a idosa 1 desenhou uma bengala e um óculos, a idosa 2 desenhou um autorretrato, o idoso 3 desenhou uma bengala e uma caixa de remédios e o idoso 4 desenhou uma árvore nova com flores representando a juventude e outra árvore machucada (seca) do outro lado representando a velhice.

Figura 5.
Desenho do idoso 4



O idoso 4 descreve seu desenho: “uma árvore bastante frutífera toda florida representando a juventude e uma árvore seca, sem flores e folhas e machucada, representando a velhice”. Dois idosos trouxeram imagens associados às limitações da velhice, à ausência de saúde, uma idosa fez um autorretrato, com características pessoais e um idoso trouxe a velhice na condição de árvore seca, que não produz mais flores.

Discussão

Como foi destacado por adolescentes, adultos e idosos na classe 5, envelhecer é um processo natural, porém, muitas vezes, não aceito pelas pessoas que buscam diferentes procedimentos estéticos com o intuito de eliminar rugas, flacidez e manchas na pele, além disso tem também a coloração dos cabelos para esconder os fios brancos (Aguiar, Camargo, & Bousfield, 2018). Todos esses procedimentos já fazem parte da rotina de muitas pessoas, e não há problemas, desde que seja de forma consciente sabendo que será mudado apenas a aparência, o corpo físico está envelhecendo e isso é inevitável e inadiável. É necessário ter essa consciência, pois algumas pessoas têm tanta resistência a aceitação do envelhecimento que vão fazendo pequenas modificações no corpo desde muito jovens de tal modo que não chega a aparecer sinais de envelhecimento. Há ainda estudos associando tais práticas principalmente a pessoas que percebem o envelhecimento como apenas negativo (Carrara, Vinagre, & Pereira, 2020; Castro *et al.*, 2020).

A classe denominada “marcas no corpo”, representada principalmente por crianças e adolescentes, demonstra uma visão desse outro que envelhece, ainda como algo distante. Segundo Pereira (2015), o envelhecimento é também caracterizado por diferentes mudanças no corpo, porém existe um estigma muito grande, produzido por meio da insistência que a mídia e a própria ciência têm em dar ênfase nas perdas originadas na velhice, esse estigma é percebido através do preconceito, da pena e de outros olhares negativos sobre o “ser velho”. Assim, comumente as crianças associam a velhice às rugas, ao uso de óculos e bengalas; na classe 1, pode-se observar também o emprego da palavra “feio” definindo o “ser velho”. Essa definição se dá a partir de um olhar social que consequentemente interfere na percepção da criança, visto que o novo e o bonito são sempre muito valorizados (Pereira, 2015).

Como pode ser observado através dos dados obtidos na classe 3, poucos participantes apresentam um olhar mais positivo acerca do envelhecimento e da velhice. Essa percepção possibilita uma ressignificação do envelhecer, onde o processo pode ser visto como um resultado de experiências vividas, as quais possibilitam o desenvolvimento da sabedoria e paciência para lidar com conflitos (Silva, Farias, & Arruda, 2012). Uma percepção positiva ao vivenciar a velhice pode apresentar um impacto positivo direto na qualidade de vida das pessoas (Ingrand *et al.*, 2018).

Como pode ser observado através dos dados obtidos na classe 4, a estética é determinante no processo de perceber-se envelhecendo, visto que os participantes associam o seu envelhecer com o surgimento de cabelos brancos, com as rugas, manchas e flacidez na pele, além disso relacionam às limitações físicas como o uso de bengala e óculos. É importante destacar que o envelhecer é individual e heterogêneo, e que as percepções e representações do envelhecimento de cada um impactam diretamente nas práticas que adotam diante desse envelhecimento (Casto *et al.*, 2020).

É comum a associação da velhice às questões físicas e a dependência (Castro *et al.*, 2020; Veras & Oliveira, 2018). A pessoa idosa pode conviver com particularidades específicas como doenças crônicas e menos recursos sociais ou financeiros, algum tipo de perda funcional é normalmente associada ao envelhecimento (Veras & Oliveira, 2018).

Na classe 2, representada por textos dos quatro grupos, apresenta a velhice pelas crianças em geral de “ser velho” como “ficar feio”. De acordo com Pereira (2015), as crianças elaboram a sua percepção do envelhecimento com base no convívio com outras pessoas e nas representações que são apresentadas a ela, ou seja, o olhar sobre a velhice é formado a partir de uma interação do meio social, com os valores e experiências da própria criança. Diante dos dados obtidos na classe 2, é também possível observar a importância do convívio intergeracional para a representação social de envelhecimento para as crianças, visto que as respostas delas foram baseadas nas suas percepções acerca da velhice dos seus avós.

Acerca dos desenhos, todas as crianças mencionaram a figura dos avós, o que denota possível convívio intergeracional. Por outro lado, destacam: bengala, chapéu e

óculos como a concretude, ou seja, objetificação da velhice. Entretanto, não associaram tais imagens à ideia de limitação. O desenho é um dos meios mais fáceis de expressão da criança, sendo utilizado no processo de aquisição da linguagem escrita e do pensamento de modo geral, contribuindo com o desenvolvimento da comunicação e consequentemente das relacionais interpessoais (Lima & Camargo, 2021).

Através dos desenhos das crianças confirma-se a relação do convívio intergeracional com a representação social de envelhecimento, pois as crianças citaram os avós e explicaram que são eles quem fazem lembrar a velhice. “Tanto na velhice quanto na infância o convívio entre as pessoas é fundamental para o desenvolvimento social e podem contribuir para o aprendizado de ambos. Muitos aspectos positivos podem ser exaltados na relação intergeracional” (Aguilar & Pedroso, 2017, p. 5).

Nos desenhos dos adolescentes foi citada a figura dos avós, porém sem muita proximidade deles. Considera-se então a necessidade de estimular essa convivência de modo a aproximar o jovem do idoso, visto que “é o idoso quem mais poderá ajudar na quebra dos preconceitos existentes, pois poderá dizer sobre a adaptação necessária frente às mudanças físicas e sociais da adolescência e do processo de envelhecimento” (Gvazd & Dellaroza, 2012, p. 296).

Nos desenhos dos adultos e dos idosos, percebe-se o processo de envelhecimento muito atrelado às limitações do mesmo, debilitações e agravos a saúde. O envelhecimento é um processo individual que ocorre no decorrer da vida das pessoas. Não há um padrão, pois depende da história de vida de cada um, bem como da forma com a pessoa lida com as particularidades de sua trajetória de vida (Mari, Alves, Aerts, & Camara, 2016). Sendo esse, segundo os mesmos autores (p. 40) “um fator muito importante para vivenciar o envelhecimento da melhor forma, com saúde e autonomia”.

Considerações Finais

A pesquisa tinha como objetivos identificar as crenças sobre o que é envelhecer e caracterizar a imagem sobre a velhice. Diante dos resultados foi possível observar o olhar negativo que as pessoas, de diferentes faixas etárias, têm sobre a velhice.

As crianças reproduzem falas e visões dos adultos, já acrescentando a sua opinião, considerando que está elaborando a sua representação social com base nisso. Os adolescentes já têm uma visão formada sobre o processo de envelhecimento e destacaram, em sua maioria, aspectos negativos desse período da vida, bem como os adultos, que também em maioria associaram a tristeza, debilitação e inutilidade ao “ser idoso”. Os idosos citaram a auto percepção do envelhecimento, descreveram o processo com base na sua própria velhice, dando ênfase às características negativas que já lhe incomodam e pouco foco ao que veem de bom nessa fase da vida, com exceção de um idoso que citou o aprendizado e experiência de vida como característica da “boa velhice”.

Com base nos resultados da pesquisa, sugere-se a implantação de políticas que incentivem o convívio intergeracional nas escolas, universidades, em grupos de idosos e grupos de convívio social, onde envolvam as famílias, incluindo os avós, para que as crianças e adolescentes comecem a ser educados para a velhice. Afinal, a sociedade está envelhecendo, está ocorrendo uma alteração na pirâmide etária, por isso, é sim necessário preparar a sociedade para o envelhecer, para que consigam aceitar de uma forma melhor os aspectos negativos, sem deixar de enxergar o que a velhice tem de bom.

Dentre as dificuldades encontradas na realização da pesquisa pode-se citar a dificuldade em encontrar bibliografias atuais relacionadas a representação social de envelhecimento para crianças e adolescentes, confirmando então a necessidade de desenvolver mais pesquisas em cima desse tema, para que, conseqüentemente, seja falado mais sobre o assunto para o público infantil e adolescente.

Referências

- Aguiar, A., Camargo, B. V., & Bousfield, A. B. S. (2018) Envelhecimento e Prática de Rejuvenescimento: estudo de representações sociais. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(3), 494-506. doi: <https://doi.org/10.1590/1982-37030004492017>
- Aguiar, J., & Pedroso, E. S. R. (2017). *A pré-escola e o centro de convivência para idosos enquanto cenários de relações intergeracionais*. Anais do Congresso Internacional Envelhecimento Humano, [online]: CIEH (pp. 1-11). Retrieved from http://editorarealize.com.br/revistas/cieh/trabalhos/TRABALHO_EV075_MD2_SA16_ID1973_16102017145045.pdf
- Araújo, L. F., de Cerqueira Castro, J. L., & de Oliveira Santos, J. V. (2018). A família e sua relação com o idoso: *Um estudo de representações sociais*. *Revista Psicologia em Pesquisa*, 12(2).
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Batista, F. E. A., Teixeira, D. P., Junior, G. S. & Dantas, I. J. M. (2021) Interlocuções e apontamentos sobre as representações da velhice na mídia brasileira: entre revistas, audiovisuais e a cultura digital. In: Teixeira, D. P. & Batista, F. E. A. (Org). *Estudos interdisciplinares sobre envelhecimento, corporalidade e mídia*. Catu: Bordô-Grená.
- Camargo, B. V. (2020) *Métodos e procedimentos de pesquisa em ciências humanas e psicologia*. Curitiba: Editora CRV.
- Carrara, F. F. (2020), Vinagre, C. G. C. M & Pereira, L. L. Percepção do envelhecimento: mulheres de meia idade e idosas que buscam por procedimentos estéticos. *ID on line*. *Revista de psicologia*, 14(49), 38-50.
- Castro, A., Quadros, L. F. A., Vitali, M. M., Cavaler, C. M., Soratto, J., & Camargo, B. V. (2020). Representações Sociais do envelhecimento para mulheres que utilizam práticas de rejuvenescimento. *Psicol. argum*, 735-754.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- Gvazd, R., & Dellaroza, M. S. G. (2012). Velhice e a relação com os idosos: o olhar de adolescentes do ensino fundamental. *Revista Brasileira de Geriatria Gerontologia*, 15(2), 295-304. Retrieved from <https://www.redalyc.org/pdf/4038/403838796012.pdf>
- Ingrand, I. et al. (2018). Positive perception of aging is a key predictor of quality-of-life in aging people. *PLoS One*, 13(10), e0204044. doi: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0204044>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2022). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: Características gerais dos domicílios e dos moradores 2020-2021. Recuperado de <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101957>
- Lima, A. P. C. T. de, & Camargo, E. A. A. (2021). A criança fala: o desenho como fonte de escuta e produção artística sobre as brincadeiras preferidas no cotidiano da educação infantil. *Olhar De Professor*, 24, 1-22. <https://doi.org/10.5212/OlharProfr.v.24.17637.081>

- Mari, F. R., Alves, G. G., Aerts, D. R. G. C., & Camara, S. (2016). O processo de envelhecimento e a saúde: o que pensam as pessoas de meia-idade sobre o tema. *Revista Brasileira de Geriatria Gerontologia*, 19(1), 35-44. doi: <https://doi.org/10.1590/1809-9823.2016.14122>
- Menin, M. S. S. (2006). Representação social e estereótipo: a zona muda das representações sociais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(1), 043-052. Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ptp/v22n1/29843.pdf>
- Miguel, I. C. (2014). Envelhecimento e desenvolvimento psicológico: entre mitos e factos. In: H. R. Amaro da Luz, & I. Miguel (Eds.). *Gerontologia social: Perspectivas de análise e intervenção* (pp. 53-67). Coimbra: Centro de Investigação em Inovação Social e Organizacional - Instituto Superior Bissaya Barreto.
- Minayo, M. C. S. (Org). (2001). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Pereira, I. V. (2015). *Envelhecer sob um novo olhar: as representações sociais das crianças face à pessoa idosa* (Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Beja, Beja, Portugal). Retrieved from: <https://repositorio.ipbeja.pt/handle/20.500.12207/4612>
- Santos, G. T., & Dias, J. M. B. (2015). Teoria das representações sociais: uma abordagem sociopsicológica. *PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP*, 8(1), 173-187.
- Silva, L. C. C., Farias, L. M. B., Oliveira, T. S., & Rabelo, D. F. (2012). Atitude de idosos em relação à velhice e bem-estar psicológico. *Revista Kairós Gerontologia*, 15(2), 19-140. Retrieved from <http://ken.pucsp.br/kairos/article/view/13798>
- Veras, R. P., & Oliveira, M. (2018). Envelhecer no Brasil: a construção de um modelo de cuidado. *Ciência & saúde coletiva*, 23, 1929-1936.
- Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, 22(44), 203-220. Retrieved from <https://pdfs.semanticscholar.org/cd8e/3e-cb215bf9ea6468624149a343f8a1fa8456.pdf>